

A eminência parda que veio das urnas

ELIANE CANTANHÊDE e
JOSÉ FERNANDO LEFCADITO

Leopoldo Affonso Collor de Mello, um carioca de 49 anos que é advogado e jornalista, tem uma função garantida e um cargo possível a partir do próximo ano: além de eminência parda, Leopoldo poderá ser o ministro das Comunicações no governo de seu irmão Fernando. Nem uma coisa nem outra são confirmadas ainda pelo candidato a todo-poderoso no governo Collor. São, entretanto, susurradas pelo staff que está em plena transição da campanha para o descanso de final de ano e dali para a Esplanada dos Ministérios, em Brasília.

"Léo é o campeão", anunciava a faixa improvisada ontem pelos funcionários do comitê de Fernando Collor de Mello na Rua Argentina, no fino e arborizado bairro paulistano dos Jardins. Foi com essa faixa, gritos, aplausos e um verdadeiro clima de festa que Leopoldo foi recebido no final da tarde, na principal sala do comitê. Logo depois, ele pregou um "governo de conciliação nacional com pluralidade de forças políticas", disse admirar "a pessoa do Lula" e garantiu: "Não sou um anti-comunista. Cada um tem o direito de ter suas idéias e eu respeito as ideologias, mesmo as que não são as minhas".

COMPETÊNCIAS

No dia da eleição, Leopoldo e o assessor de imprensa da campanha, Cláudio Humberto Rosa e Silva, permitiram-se um tiroteio a três mil quilômetros de distância um do outro. Quem mirou primeiro foi Cláudio Humberto, de Macaé: "Eu cheguei aqui por competência, por raciocinar com o cérebro e não com as patas ou os punhos". Leopoldo reagiu com um disparo de São Paulo: "A não ser andar de avião com meu irmão, ele não teve nenhuma atuação na campanha". Ontem, contudo,



Leopoldo, "campeão" do comitê de Collor em São Paulo: o provável ministro das Comunicações aguarda as ordens do irmão

o tom havia mudado. Pelo menos o de Leopoldo.

Leopoldo Collor evitou falar do próprio Cláudio Humberto, mas se referiu a "grande competência" da assessora econômica Zélia Cardoso de Mello e admitiu que as negociações no Congresso serão responsabilidade do líder do PRN na Câmara, Renan Calheiros. Zélia, Cláudio Humberto e Renan compunham o mesmo grupo na equipe da

campanha — o grupo que se digladiou com Leopoldo, no final, principalmente pela linha política da campanha. "Eu não queria direitizar a campanha. Eu queria era endireitar", explicou.

Na noite de domingo, precisamente às 23h40, Leopoldo lotou um jatinho com seis assessores e amigos e rumou para a comemoração antecipada da vitória em Brasília. Chegou à casa do futuro presiden-

te por volta de uma da madrugada — quando Cláudio Humberto e Renan já tinham saído, "só estavam lá a família e os realmente íntimos", explicou ontem.

Eram a mãe Leda, a mulher de Fernando, Rosane e os irmãos Pedro e Leda, além dos poucos amigos, entre os quais não faltaram as atrizes Cláudia Raia e Pepita Rodrigues.

Na tarde de domingo, Leopoldo chorou ao ter certeza da

vitória com os resultados de boca de urna do Instituto Vox Populi. Na madrugada de ontem, chorou abraçado a Fernando durante longos minutos. "Parabéns", repetia o irmão mais velho. "Parabéns pra você. Você merece", devolvevia, também sem parar, o futuro presidente da República. Às 5h30, a festa acabou. Às 6, Leopoldo, Pepita e os outros amigos paulistas embarcavam de volta. Horas depois,

haveria mais choro na família Collor, mas não exatamente de alegria.

A mulher de Leopoldo, Regina, não resistiu ao ler no *Jornal do Brasil* a versão de que havia feito uma ameaça indireta: "Se o Fernando ganhar e não atribuir a vitória ao Leopoldo, eu faço um escândalo", teria dito Regina. Foi a própria cunhada quem telefonou para Fernando em Brasília, ontem de manhã, para desmentir tudo. Leopoldo aproveitou a carona no telefone e acertou com Fernando que as desavenças e brigas internas seriam atenuadas. Daí o tom mais ameno transmitido na entrevista de ontem.

Leopoldo acha que "a situação do País é muito difícil" e que todos devem abrir mão de suas posições pessoais "em favor do interesse comum". O irmão do futuro presidente garante: "O governo terá de apresentar suas intenções, marcar posição, nos três primeiros meses". E explica como: "Dedicando-se prioritariamente, obsessivamente, às classes menos favorecidas, porque do jeito que a miséria está, não dá".

Ele está convencido de que "não há governabilidade sem um grande entendimento nacional". E analisou: "Nós podemos respeitar todos os que tenham suas preferências filosóficas, políticas, partidárias e até ideológicas, mas o Brasil precisa de uma união dessas forças". Do contrário, Leopoldo acha que "ficará difícil conduzir a nação a um porto seguro".

Na sexta-feira, Leopoldo embarca com a mulher e os três filhos para a Disneylândia, nos Estados Unidos, jurando não saber quem serão os ministros, de seu irmão. Se é candidato a Golbery de Collor? "Não", responde monossilabicamente, rejeitando qualquer semelhança com o ex-poderoso general que em vida era considerado "um bruxo" pelas articulações de bastidores do governo.